

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS-ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARGARETE IVO DOS SANTOS

**O USO DA TATUAGEM POR MULHERES LUISCORREIENSES COMO
FORMA DE EMPODERAMENTO**

PARNAIBA, SETEMBRO DE 2021

MARGARETE IVO DOS SANTOS

**O USO DA TATUAGEM POR MULHERES LUISCORREIENSES COMO
FORMA DE EMPODERAMENTO**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, como requisito para obtenção de Título de **Licenciada Plena em Ciências Sociais**, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), sob a orientação da professora Karina M. Abreu Cursino.

PARNAIBA, SETEMBRO DE 2021

MARGARETE IVO DOS SANTOS

**O USO DA TATUAGEM POR MULHERES LUISCORREIENSES COMO
FORMA DE EMPODERAMENTO**

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura
Plena em Ciências Sociais, apresentado a
banca examinadora, como exigência parcial
para obtenção do grau de Licenciada em
Ciências Sociais.

Banca examinadora

Professora Mestre Karina M. Abreu Cursino
(orientadora)

Professor Dr. Clódson dos Santos Silva

Professor Dr. Jonas Henrique de Oliveira

PARNAIBA, SETEMBRO DE 2021

RESUMO

A cada dia as mulheres vêm conquistando espaço e demonstrando seu empoderamento e capacidade de tomada de decisão. O empoderamento em relação a tatuagem pode ser visto quando elas decidem desenhar na pele emoção, angústia, superação, beleza, rebeldia e outros. O presente estudo evidencia como a tatuagem reflete na vida de mulheres que decidem reafirmar a autonomia do seu corpo e demonstrar o empoderamento da mulher através da tatuagem. Pesquisa de campo, do tipo etnográfico, realizado na cidade de Luís Correia, nos anos de 2019/2020 com 06 (seis) mulheres, na faixa etária de 25 a 38 anos. A coleta de dados se deu através de caderno de campo, registros visuais e entrevista aberta. Os resultados apontaram que as participantes possuem autonomia e tomadas de decisão em relação ao corpo quanto a tatuagem, mesmo vindo de famílias e companheiros que estigmatizam a tatuagem. Foi percebido que os símbolos possuem significados relevantes para essas mulheres, pois cada tatuagem tem uma história ou significam força. Diante disso, percebe-se que são necessárias trabalhos que aprofunde mais sobre a temática, apesar dos avanços ainda há muito a ser conquistado pelas mulheres.

Palavras-chave: Tatuagem; mulheres; empoderamento.

ABSTRACT

Every day, women are gaining space and demonstrating their empowerment and decision-making capacity. Empowerment in relation to tattooing can be seen when they decide to draw emotion, anguish, overcoming, beauty, rebellion and others on their skin. This study shows how tattooing reflects on the lives of women who decide to reaffirm their body's autonomy through tattooing and demonstrate women's empowerment through tattooing. Field research, of the ethnographic type, carried out in the city of Luís Correia, in the years 2019/2020 with 06 (six) women, aged between 25 and 38 years. Data collection took place through a field notebook, visual records and open interviews. The results showed that the participants have autonomy and decision-making in relation to the body regarding tattooing, even coming from families and partners who stigmatize tattooing. It was noticed that the symbols have relevant meanings for these women, as each tattoo has a history or means strength. Therefore, it is clear that work is needed that goes deeper into the theme, despite the advances, there is still a lot to be achieved by women.

Keywords: Tattoo; Women; Empowerment.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A HISTÓRIA DA TATUAGEM	8
3	A TATUAGEM COMO COMUNICAÇÃO CORPORAL	10
4	A TATUAGEM COMO EMPODERAMENTO	11
5	METODOLOGIA	12
6	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	13
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. INTRODUÇÃO

A cada dia as mulheres vêm conquistando espaço e demonstrando sua capacidade em diferentes setores da nossa sociedade, isso pode ser comprovado quando é visto a sua atuação em funções antes ocupadas por homens e também por alguns comportamentos que, antigamente, eram permitidas apenas para eles. Dentre essas ações está a tatuagem, que apesar de trazer estigmas para ambos os sexos, para algumas mulheres era ainda mais difícil, uma vez que foram excluídas de exercer alguns papéis.

De acordo com Weimer (2016) a cultura patriarcal tem como imposição a mulher subordinada, que não pode realizar muitas atividades. Algumas mulheres viveram períodos de sujeição, visto que era negado o direito de voz ativa e capacidade de atuação se o homem não admitisse, foram afastadas de seus direitos por muitos anos, tanto em relação à política, como na maneira como se comportavam. Nos séculos XIX e XX a luta delas por direitos cresceu de forma substantiva. No Brasil essa luta deu-se pela busca do direito a educação e ao voto, que inicialmente foi concedido a uma parte da população feminina, e após protestos concedeu-se nas mesmas condições que os homens o pleno direito ao voto (DALKIM, 2006).

Monteiro (2017) cita que por meio de movimentos feministas ocorridos entre o final do século XIX e início do século XX as mulheres conquistaram sua emancipação e direitos essenciais como o direito ao trabalho, direito político de votar e ser votada para cargos de representatividade, porém a baixa inserção das mulheres nos espaços de poder dos sistemas políticos, a posição no mercado de trabalho, o baixo salário ainda representam uma desigualdade entre gênero.

Quanto à tatuagem, seu surgimento marcou gerações e sua popularização vem tomando novos rumos, sendo adotado por diferentes grupos sociais, possibilitando ser vista com menos estigma se comparado ao século XIX e XX. No que se refere a mulher, a prática de desenhar o corpo mesmo existindo barreiras, algumas se impõem e decidem tatuar ou não seu corpo, uma vez que age de acordo com sua vontade, tanto no ato de fazer, onde fazer e o que tatuar. Assim, elas agem com empoderamento, mesmo tendo conhecimento ou não dos ideais feministas e contribuem na busca pelo respeito.

De acordo com Sandenberg (2016), o empoderamento é o processo da

conquista da autonomia, da auto-determinação, implica na libertação das mulheres com ideais de questionar, desestabilizar a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero vigente nas sociedades contemporâneas de modo a assumirem maior controle sobre seus corpos, suas vidas.

O empoderamento em relação a tatuagem pode ser visto quando elas decidem desenhar na pele emoção, angústia, superação, beleza, rebeldia e outros. Muitos têm o olhar voltado para essas mulheres carregado de estigmas e reprovações e veem nelas as marcas de algo abominável e difícil de ser aceito, negando aquilo que as identificam. Surge então uma luta por aquilo que estas acreditam e que por serem “donas de si” e de seu corpo, tatuam sem precisar da autorização para que tal marca seja realizada.

Leitão (2000) infere que o organismo humano é primeira morada particular que nos pertence intimamente. A partir do momento que o ser vem ao mundo, iniciamos a percepção e conhecimento de cada componente do corpo e seu funcionamento. Adotar a tatuagem como objeto de julgamento da antropologia é aceitável se a própria noção de corpo for entendida não somente como elementos naturais, mas histórico e cultural.

Segundo David Le Breton, o corpo é uma construção simbólica, na qual é efeito de uma construção social e cultural. De acordo com o autor o corpo representa uma visão acerca de um ter mais do que um ser, tal construção é tida como paradoxal e construída por meio de práticas, representações discursos e imaginários empregados ao corpo na atualidade.

O corpo pertence aquilo que o identifica em sua origem, “ sem o corpo que lhe dá um rosto, o homem não existiria”, tal existência se dá naquilo que ele encarna de valores através de uma estrutura social a outra. Ainda de acordo com Le Breton “cada sociedade, no interior de sua visão de mundo, delinea um saber singular sobre o corpo: seus elementos constitutivos, suas performances, suas correspondências. Ela lhe confere sentido e valor.”

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de conhecer um pouco mais a respeito de como mulheres que tem seus corpos marcados pelo uso da tatuagem se reconhecem em meio uma sociedade machista e preconceituosa.

Além disso, durante boa parte da minha infância ouvia meu pai se referir a tatuagem como coisa para malandros, marginais e “mulheres da vida”, o mesmo alertava aos seus filhos que enquanto estivesse vivo não queria que nenhum destes

fizessem uso da tatuagem, chegando a ameaçá-los que “cortaria a facções” parte da pele tatuada e acrescentava a seus comentários uma passagem bíblica onde falava que uma pessoa que tivesse estas marcas em seu corpo não seriam consideradas filhos do Divino. No livro bíblico Levítico capítulo 19 versículo 28 cita “não vos façais incisões no corpo por causa de um morto, nem marcas de tatuagem.” Meu pai por seguir algumas normas religiosas atribuía os seguimentos bíblicos e tentava repassar para seus filhos. Respeitava sua opinião, porém tinha um olhar de diferenciado daquilo que ele aconselhava.

Ao ouvir pessoas que afirmavam terem feito a tatuagem em homenagem a alguém, ou porque determinado desenho retratava um momento de sua vida como parte de superação ou refúgio, passei a dar mais importância e decidi estudá-la, principalmente ao ouvir mulheres que citavam que seus companheiros as limitavam e criavam estereótipos quando decidiam realizá-las.

Nessa perspectiva, o presente estudo evidencia como a tatuagem reflete na vida de mulheres que decidem reafirmar a autonomia do seu corpo através da tatuagem. Diante disso surgiram as seguintes questões norteadoras.

Como a mulher pode demonstrar seu empoderamento através da tatuagem?

Como as mulheres que decidem tatuar-se, se veem em meio a uma sociedade considerada machista e preconceituosa?

De qual maneira essas mulheres podem demonstrar a outras que através das tatuagens nos seus corpos estabelecem uma autonomia?

2. A HISTÓRIA DA TATUAGEM

A tatuagem existe há milhares de séculos. Não se tem uma data precisa do seu surgimento que remete à pré-história e desde seu surgimento vem marcando sociedades com resultados e técnicas variados. Entre os anos 200 e 400 AP, foram encontrados no Egito múmias com sinais próximos a tatuagens. Para estes povos esses sinais tinham significados religiosos, alguns expressando longevidade e fertilidade. Em algumas tribos indígenas os corpos eram marcados para expressar, sobretudo, aspectos ligados ao religioso e ao mágico (MELO, 2007).

Na Idade Média, a prática foi considerada pelos europeus como demoníaca, pois seria uma forma de vandalismo contra o próprio corpo, que era visto como uma imagem e semelhança de Deus. Posteriormente, usou-se o termo *tattoo*, com origem

na palavra *tatau*, tendo relação com o navegador inglês James Cook, que em suas viagens no século XVIII, manteve contato com povos do Taiti, que tinham o hábito de pintar o corpo com tintas naturais. Os nativos e em seguida os marinheiros, adotaram esta prática, que posteriormente entrou em contato com outras culturas ganhando novas formas (GILBERT, 2000).

Segundo Gilbert (2000) a tatuagem no Ocidente passa a ser habitual entre os marinheiros a partir dos séculos XIX e XX. Entre as tripulações existia pelo menos um “profissional” a bordo, que tatuava os demais.

Conforme Mifflinn (1997), as mulheres que aderiram a tatuagem no final do século XIX, eram discriminadas e vistas como prostitutas. Contudo, o grupo que mais contribuiu para a associação entre tatuagens e marginalidade foram criminosos, (LOMBROSO, 1991).

As navegações foram elementos importantíssimos para a difusão da tatuagem. Segundo Mucciarelli (1999), essa técnica entrou nas Américas a partir da Polinésia com a migração destes povos que já adotavam a prática.

No Brasil, as tatuagens foram realizadas inicialmente por tatuadores estrangeiros que aqui chegavam e desenvolviam esta prática, o procedimento aos poucos foi se modernizando e passando da prática de realização com agulhas caseiras ao uso de máquinas elétricas (FONSECA, 2006).

No início do século XX, a tatuagem no Rio de Janeiro era marcante e retratava o cotidiano da cidade: “meninos em bandos, munidos de agulhas de costura e tinta nanquim, circulavam pelas ruas do cais do porto oferecendo os serviços a prostitutas, marinheiros e trabalhadores das camadas populares, entre eles imigrantes portugueses” (OSÓRIO, 2006, p.33).

Do Rio (1997), por meio de crônicas registrava o dia a dia das ruas do Rio e em seu relatos afirma:

Há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade. Os negros guardam a forma fetiche; além dos golpes sarados com o pó preservativo do mau olhado, usam figuras complicadas. Alguns, como o Romão da Rua do Hospício, têm tatuagens feitas há cerca de vinte anos, que conservam nítidas, apesar da sua cor- com que se confunde a tinta empregada (DO RIO, 1997, p.18).

Conforme Campos (2003), tatuar denota o sentido de lembrar-se de algo, conservando uma tradição, uma memória, uma descrição, de modo a revelar o que identifica, manifestando sentimentos que ultrapassam as marcas na pele. Desse modo, a tatuagem é vista como uma extensão do pensamento, que simboliza a lembrança de algo que aconteceu ou que virá a acontecer, elementos externos ao corpo que passam a ser internalizados na pele. Essas marcas podem ser vistas como uma maneira de se conectar com o desejo de marcar um significado de imortalidade para seus portadores, ou até mesmo histórias contadas através de símbolos. A ideia de *posse de si*, mudança de *status* social, modismo, pertencimento a um grupo e principalmente questões estéticas e embelezamento do corpo estão por trás das motivações daqueles que decidem fazer uma tatuagem.

Atualmente a tatuagem ganhou crédito no mercado comercial e na vida dos indivíduos. A ênfase no caráter estético fez com que a prática entrasse na moda e se tornasse mais comum entre um grande número de pessoas. Com uma alta popularidade entre diversos grupos, também se tornou mais comum no meio artístico, e o corpo passou a representar não somente algo que possui massa, mas também um espaço visual no qual constrói-se identidades culturais e sociais.

Entre os jovens a tatuagem ganhou um novo simbolismo e deixou de representar apenas marginalização ou repressão. Mais do que isso, tem desempenhado a função de expor comportamentos, estilos de vida, consumismo, desejos e preferências, podendo variar entre o real e o imaginário.

3. A TATUAGEM COMO COMUNICAÇÃO CORPORAL

As alterações relacionadas ao corpo nas diversas sociedades são práticas comuns, mas que passam por mudanças influenciadas pelo contexto histórico-social, desde subtração ritual de partes do corpo, alongamento do crânio, modificações na pele como escarificações e cicatrizes, até registros de tatuagens provisórias ou definitivas de modo que esse corpo se adapte ao meio inserido (FERREIRA, 2008). Conforme Araújo (2006, p.07), “em todas as épocas e lugares do mundo o homem usa o corpo como linguagem”. O corpo como objeto de interação relaciona-se com as inúmeras transformações dentro de um contexto cultural.

Para Fonseca (2006), modificar o corpo ocasiona desordem no meio, principalmente naquilo no que diz respeito a perspectiva religiosa judaico-cristã, pois o corpo pertenceria ao sagrado e profaná-lo seria como entrar em contraste com a imagem de Deus. Assim, o ato de tatuar a pele, na cultura ocidental, passa a ser visto por algumas pessoas como algo impuro e negativo.

A ação de tatuar a pele, para muitas pessoas, possui um caráter de amuleto, e a lembrança de um fato ou de uma situação é transferida para a tatuagem que exerce a função de um signo que muitas vezes se apresenta de maneira inconsciente.

Podemos também entender a pele como uma intermediadora de espaços interno e externo ao corpo, comparando-a aos sonhos, que são mediadores entre o estado inconsciente e o consciente da mente. Algo que fascina em relação aos corpos tatuados é a postura e a coragem que as pessoas adeptas a este costume tem de jogar, experimentar e vivenciar o inconsciente (GUSSO, 2016, p.120).

Na contemporaneidade mais pessoas se tatuam, criando um tipo de modismo entre os indivíduos possibilitando ao corpo tatuado uma menor estranheza, tornando-se familiar para alguns indivíduos. Aos que buscam essas práticas, as realizam de maneira subjetiva, levando em consideração a estrutura social que se modificou passando de uma visão estigmatizada para um novo olhar, um produto de consumo em que poucos podem pagar.

4. A TATUAGEM COMO EMPODERAMENTO

Santiago (2017) refere que algumas mulheres realizam tatuagens com temáticas feministas, como uma forma de fortalecer as lutas, bem como de pertencimento, para que aconteça o processo de empoderamento, é preciso que estas sejam influenciadas por fatores externos, que as levam sentirem-se subordinadas.

De acordo com Sandenberg (2016) algumas mulheres, na contemporaneidade, têm unido forças com objetivo de libertação das opressões de gênero causados pela cultura patriarcal de maneira a adquirirem domínio sobre si mesmas, seus desejos e a

autonomia sobre seus corpos.

A construção simbólica da superioridade masculina sobre a feminina é exercida através da estrutura de pensamento e paradoxalmente, resultado de uma violência simbólica praticada através de um processo cultural (BOURDIEU, 2005).

Conforme Goffman (1975), o estigma ocasiona o surgimento de atributos tornando o outro diferente, menos desejável, e em caso extremo tem-se a concepção deste como um indivíduo perigoso e em desvantagem em relação a outros. Ao adotar um estereótipo para um tipo de indivíduo, cria-se uma identidade social em oposição com a identidade real, que pode ocasionar na insegurança para a pessoa que sofreu preconceito. Na perspectiva de desconstruir a visão estereotipada por causa do gênero feminino, algumas mulheres que têm sido estigmatizadas ao realizarem suas tatuagens, têm buscado justamente na prática de desenhar o corpo uma forma de empoderar-se e fazer com que outras mulheres possam sentir-se donas de si.

5. METODOLOGIA

Este artigo foi realizado através do trabalho etnográfico, junto à mulheres tatuadas, em estúdio localizado na cidade de Luís Correia no estado do Piauí, nos anos de 2019 e 2020. Foram utilizados caderno de campo, registros visuais, entrevista aberta, pois acredita-se que este instrumento de coleta permite que seja respondido na presença do pesquisador, facilitando a comunicação e proporcionando questionamentos ao longo da entrevista. Foram entrevistadas 06 mulheres com idade entre 25 anos e 38 anos, 04 possuíam mais de uma tatuagem e 02 estavam realizando pela primeira vez. As informações foram coletadas no ato da realização da tatuagem e as imagens foram registradas em câmera de celular digital. A abordagem metodológica foi do tipo qualitativo uma vez que descrevemos as ações realizadas pelos sujeitos estudados. O principal método de observação utilizado foi a observação não-participante, pois o pesquisador atuou apenas como espectador, não se colocando na condição de objeto de estudo – mulher tatuada- por não fazer parte do grupo pelo qual seu objeto de estudo estará sendo realizado.

Para identificar e garantir a confidencialidade das participantes do estudo foram usados nomes de pedras preciosas: Safira, Rubi, Jade, Ágata, Esmeralda e Ametista.

6. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Algumas mulheres tem usado métodos que demonstram através dos seus comportamentos que suas vontades prevalecem cada vez mais. Uma dessas atitudes é o uso da tatuagem como uma maneira de comprová-lo. Safira (25 anos) em entrevista realizada, afirma que seu companheiro não concordava com a realização de sua primeira tatuagem, este acrescentava que “tatuagem era para malandro, mulher dele não andava tatuada”, porém a realizou em homenagem ao seu filho demonstrando poder sobre si. Neste trecho da fala da participante percebe-se uma possível tentativa de dominação do homem sobre a mulher, legitimando o machismo como parte de um processo estrutural da nossa sociedade.

Figura 1 – Homenagem ao filho



Fonte: Arquivo pessoal, Safira

A segunda entrevistada, identificada por Rubi (36 anos), educadora física, cita que por alguns instantes precisou de uma “suposta autorização” de seu companheiro para que a mesma pudesse realizar sua tatuagem. Dizia que seu marido era machista, preconceituoso, de família conservadora e fazia menção da tatuagem como marca da “besta fera”, chegando a supor que a mesma estava ficando louca. Diante dessa situação ela decidiu fazer duas tatuagens ao mesmo tempo, e por ser independente financeiramente resolveu pagar pela tatuagem afirmando estar decidida a não parar.

Eu fui simplesmente encantada e conquistada pela área da inclusão, então eu resolvi fazer as mãozinhas, né, que representa a inclusão e adversidade, além das mãozinhas eu fiz também o símbolo da educação física juntamente com a representação do símbolo feminino, ao invés do símbolo feminino completo, eu pedi que ele fizesse um coração, porque seria o amor pela educação física ligado ao gênero feminino. (Rubi)

Diante dos argumentos relatados percebe-se o quão forte o machismo faz-se presente e o quanto os olhares voltados para a tatuagem são carregadas de preconceitos, mas que tem um público que defende estas marcas e a tomam como parte de sua história. As transformações culturais tem possibilitado também mudanças de ordem econômica, em sua fala Rubi deixa claro que esse indicativo financeiro comprova essa mudança de estrutura social no comportamento da mulher. Tive a oportunidade por um instante de conversar com seu esposo que ficou sabendo do meu interesse em pesquisar este tema, perguntou-me se tinha tatuagens, respondi que não, mas que nada impediria caso sentisse desejo em possuir uma, de imediato este respondeu “estas mulheres estão ficando loucas”. Sua fala demonstra algo anormal no comportamento da mulher pelo fato de fazer usoda tatuagem, colocando-a na condição de pessoa insana.

Figura- 2 Símbolo da Inclusão social

Figura 3- Símbolo da Educação Física



Fonte: Arquivo pessoal, Rubi



Fonte: Arquivo pessoal, Rubi

Dando continuidade a terceira entrevistada, Jade (38 anos) pedagoga, fala de suas tatuagens como parte de seu cotidiano, por ser defensora da luta das mulheres, da busca por direitos que muitas vezes lhes é negado resolveu tatuar o símbolo do empoderamento feminino, afirmava que “é uma maneira de homenagear minha amiga/irmã vítima de feminicídio.” Sua outra tattoo, como revela, “é uma paixão pelo taekwondo, arte marcial que voltei a praticar depois de 10 anos distante do tatame”.

Pode-se observar que a importância que as entrevistadas dão as tatuagens estão diretamente ligadas ao seu processo de resistência contra a opressão, gerando um processo de conscientização.

FIGURA 4
Símbolo do Empoderamento feminino



Fonte:Arquivo pessoal, Jade

FIGURA 5
Símbolo do Taekwondo



Fonte: Arquivo pessoal , Jade

A quarta entrevistada, Ágata (33 anos), menciona que sempre teve vontade de fazer tatuagens e que mesmo a sua família não aceitando “quebrou os protocolos” e decidiu fazer, pois tinha muita afinidade com estas marcas. Acrescenta que foi contra a vontade do pai, pois recorda que na fase da infância e adolescência quando dizia em tatuar-se, seu pai falava que iria arrancar “o pedaço da pele”, e acredita que “atualmente pela questão da maior idade, maturidade e poder de decidir as coisas elevê as marcas e não fala nada”. No momento seguinte ela falou que:

“Fiz na posterior do braço a coroa porque simboliza império e poder. Fiz os três pinheiros na perna porque significa equilíbrio, crescimento, firmeza e são coisas que, independente das situações de altos e baixos, das fraquezas, eu dou a volta por cima.

Figura 6
Símbolo dos 3 Pinheiros



Fonte: Arquivo pessoal, Ágata

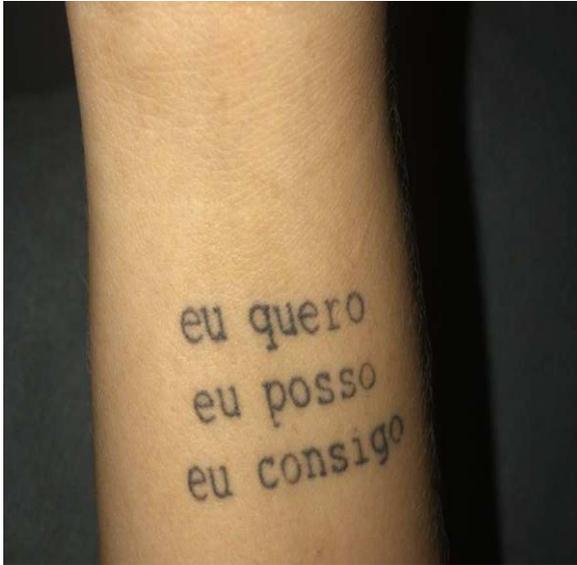
Figura 7
Símbolo da Coroa



Fonte: Arquivo pessoal, Ágata

Esmeralda (32 anos) cita que a escolha de suas tatuagens traz consigo uma maneira de jamais desistir daquilo que acredita, motivo que a fez tatuar a frase “eu quero, eu posso, eu consigo para nunca pensar em desistir.” Sua segunda tatuagem realizou como uma maneira de homenagear a família, lugar que encontra apoio sempre que precisa.

Figura 8
Frase



Fonte: Arquivo pessoal, Esmeralda

Figura 9
Homenagem à família



Fonte: Arquivo pessoal, Esmeralda

Ametista (29 anos), estudante de psicologia, cita que ao realizar sua primeira tatuagem passou por alguns conflitos, preconceitos e críticas tanto por parte dos familiares como de amigos, porém por ser algo que gostava e lhe fazia bem optou por fazer mais quatro.

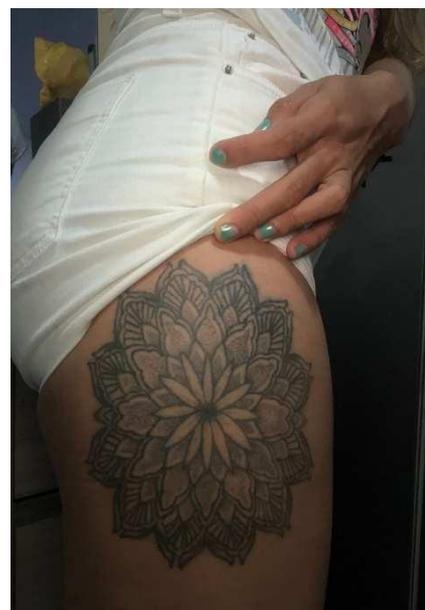
“Sempre tive uma visão da tatuagem diferenciada do que fui ensinada desde criança, a minha família tem construções sociais antigas e arcaicas, mas eu acredito que seja uma forma de livre expressão no corpo e algo simbólico. Minha genitora teve alguns problemas em aceitar essa forma e estilo de expressão, assim ocorrendo confusões entre os familiares, hoje possuo 4 tatuagens espalhadas pelo meu corpo e pretendo realizar mais.”

Figura 10
Rosto feminino



Fonte: Arquivo pessoal, Ametista

Figura 11
Símbolo da Mandala



Fonte: Arquivo pessoal, Ametista

Figura 12
Frase



Figura 13
Coroa



Fonte: Arquivo pessoal, Ametista

Ametista optou por não falar mais detalhes sobre suas tatuagens mas cita que cada uma tem um significado especial para ela. Diante de sua declaração percebe-se que a mesma guarda as lembranças e os motivos que a levaram a tatuar-se como algo particular.

Na observação dos relatos acima, nota-se bastante ênfase na questão do machismo e preconceito que de acordo com a fala da maioria das entrevistadas, seus familiares e companheiros remetem o uso da tatuagem como algo não apropriado para a mulher, contudo o posicionamento das entrevistadas frente a estas questões estão atreladas a uma decisão de tatuar-se.

Ressalta-se que as tatuagens estudadas nesta pesquisa apresentam visibilidade que diferem de grupos estigmatizados tanto pela simbologia que trazem quanto pela delicadeza. Acrescenta-se que dependendo do grupo específico estudado, estas marcas no corpo podem apresentar diferentes significados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou demonstrar como o uso da tatuagem por mulheres é um meio no qual confirmam sua autonomia corporal. Nas entrevistas notou-se que o desejo em tatuar remete a uma decisão individual de cada entrevistada.

O objetivo da pesquisa foi alcançado quando se constatou que as mulheres entrevistadas demonstraram autonomia quando decidiram tatuar-se, que mesmo diante de situações consideradas machistas e preconceituosas não cederam à pressão de seus familiares e outros; verificou-se ainda que as tatuagens em sua maioria são carregadas de signos que retratam a luta e a resistência feminina demonstrando representatividade neste universo.

Partindo-se dos pressupostos de que a pesquisa de campo foi esclarecedora com relação aos propósitos do presente estudo, considera-se que as questões norteadoras da pesquisa foi devidamente respondida.

A pesquisa não encerra a discussão acerca da temática sobre o uso da tatuagem pela mulher como forma de empoderamento, deste modo poderão ser feitos estudos futuros voltados ao tema em questão. Sobre as sugestões para o delineamento de futuras pesquisas sobre a temática aqui enfocada, pode-se contemplar a relevância da tatuagem como um expansão de sua utilização para proporcionar cada vez mais a liberdade feminina.

REFERENCIAS

- ANDRADE, M.M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ARAUJO, Leusa. Tatuagem, piercings e outras mensagens do corpo. São Paulo: COSA & NAIF EDIÇÕES LTDA, 2006.
- CAMPOS, D. C. C. Peles tatuadas: corpos selvagens, desejos e rastros. Universidade Federal de Santa Catarina. 2003. Disponível em: <http://150.162.1.115/index.php/literatura/article/view/5218/4829> (Acessado em 27 Nov. 2011)
- DALKMIM, Sônia Maria. A conquista do voto feminino no Brasil, 2006.
- DO RIO, João. A Alma Encantadora das Ruas. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. Os Tatuadores.
- FERREIRA, Francisco Romão. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. Interface – Comunic, Saúde, Educ., v.12, p. 471 – 83, jul./set. 2008.
- FONSECA, Andrea Lisset Perez. A identidade à flor da pele: Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. Mana 12(1): 179-206, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GOFFMAN, Erving. Estigma. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GUSSO, F.B.M. A tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade. Revista Vernáculo, n.37, marc, 2016.
- LE Breton, David. Antropologia do Corpo e Modernidade; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes.- 3. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.
- LEITÃO, Débora Krischke. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos, 2000.
- LOMBROSO, César. O Homem delinquente. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 1991.
- MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.//
- MIFFLIN, Margot. Bodies of Subversion: a secret history of women and tattoo. New York: Juno Books, 1997.
- MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: De sufragettes às sufragistas. João Pessoa, 2017.
- OSÓRIO, Andréa Barbosa. O Gênero da Tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro, 2006.
- SANTIAGO LIMA, Noemi de. O consumo de tatuagens como um símbolo de empoderamento feminino em Fortaleza, 2017.

SARDENBERG, Cecília M.B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Salvador: NEIM/UFBA, 2006. Disponível em: Acesso em: 27 maio 2016

WEIMER, Yule de Campos. À flor da pele: Tatuagem como forma de empoderamentofeminino, 2016.